



## A MORTE SANCIONA A FALHA

Hoje falarei de um aspecto importante para aqueles que pretendem fazer um trajecto, profundo, sério e inteligente no caminho das artes marciais. Com este texto não estou a colocar em questão outras abordagens, outras perspectivas, outros objectivos, mas não posso colocar a minha visão das coisas no mesmo local das dos outros, porque eu sou eu e não os outros, e se quero ser honesto comigo tenho de ser exigente com o trabalho que faço.

Perguntaram-me sobre a razão que me levou a colocar a mão esquerda junto à tsuba da katana numa execução técnica, imagem que surge numa foto publicada no facebook.

É correcto a mão esquerda estar junto da tsuba? Qual a técnica?

Vou começar por fazer uma pergunta:

... - O que é o Sol? ...

Esta pergunta terá uma resposta simples, aparentemente. Dir-me-ão é o astro que nos traz a luz todos os dias. Correcto? Sim! Correcto? Não! Em que ficamos? Há duas respostas porquê?

Se a pergunta estiver colocada da forma que ela está poderemos observar que as reticências antes e depois indicam-nos que há momentos que antecedem a pergunta e momentos que a precedem. Na minha opinião não poder-se-á fazer correctamente a pergunta se não tivermos o enquadramento total.

A resposta poderá ser ... - É uma nota musical!

O texto seria uma pergunta que estava num contexto de estudo de música, portanto a primeira conclusão é que ao observarmos o momento, e ficarmos fixos nele, caímos no risco de deformar a realidade. Qualquer observação parcial poderá colocar-nos desafios que não existem, assim como não se justifica uma melodia de uma só nota musical. As notas seguem-se com os seus silêncios que precedem e antecedem cada som.

Então a mão esquerda está ali colocada correctamente? Sim e não!

Para que serve o Kenjutsu? O que é essa arte? O Kenjutsu, a arte, habilidade, magia ou técnica da lâmina (não de sabre, como já expliquei em outro texto) era uma arte de combate que era estudada com um objectivo, possibilitar ao guerreiro enfrentar um opositor, ou vários, e sair vivo e vencedor! Ao longo do processo de estudo o guerreiro iniciava-se pelo estudo em suburi, passava ao sotai dosa, à análise de haragei e estratégia (heiho), e no final, e no momento da verdade ele encontrava-se no campo de batalha, onde todas as técnicas, katas e formas estabelecidas que ele tinha usado perdiam o seu valor para que o momento de vencer, e sobreviver, fosse atingido, ou seja o momento de kakutou. Nunca, logicamente, um kata poderá ser reproduzido em batalha, pois as condições são as do imponderável (Elemento indefinível que influi em determinado assunto ou matéria). Nada está pré-estabelecido e tudo é aceitável face à necessidade de atingir o objectivo de vencer. Na arte dos arranjos florais,



Ikebana, é-nos ensinado que todas as milhares de formas e normas técnicas perdem o seu sentido perante a necessidade de realizar um arranjo em forma livre, Jiyuka, pois se o material tiver certas características que não dependem da minha vontade terei de me adaptar as elas e não poderei impor formas que não se podem enquadrar. No kenjutsu, no combate livre, não se respeitam formas pré-estabelecidas! A adaptabilidade face ao momento, por parte do guerreiro, é determinante.

Os puristas poderão dizer que a mão esquerda não se aplica numa técnica pois não há um kata onde ela surja, eu direi que as motivações de um aluno hoje em dia não é aprender a sobreviver mas a estudar uma tradição, mas isso não invalida que o aluno não seja incentivado a sentir o momento, o mais real possível, para que a alma do Kenjutsu ganhe raízes no estudante. Só aprendendo a sentir que a morte sanciona a falha é que faremos verdadeiro Kenjutsu. Aqui se encontra uma das razões para entender a diferença entre o Kenjutsu e o Kendo. Poderei fazer um Koshi nage durante uma sessão de Kendo? É correcto tecnicamente? Porque não? As normas dizem o contrário e a realidade o oposto das normas.

A mão esquerda naquele momento foi a necessidade de atingir o oponente e nasceu da necessidade face à posição em que eu estava colocado.

Uma explicação típica dos Monty Python diria que não são quatro, nem duas, as razões mas que o guerreiro era canhoto ou maneta, ou que aquilo não existia.

Eu direi:

- Foi a necessidade!

Lisboa, 2 de Novembro de 2013

